

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: fornal do Dia

Class.: 20

Data: 16.07.86

Pg.: 12

### Funai está apurando as causas do massacre em Juína



Omar Gurgel garante que a Funai está apurando as mortes. Já o índio Terena diz que sua raça não "mata por matar".

Continua tensa a situação na região de Roda D'água, distrito de Juína onde sete pessoas foram mortas por índios da tribo E-nauene-Nauê, conhecido popularmente por Saluman. Os mortos, conforme informações de Polícia, são mem-

bro da família do Sr. Antônio Ferreira, procedente de Chapecó-SC. Devido o elevado estado de putrefação dos corpos, todos foram sepultados no local. A Funai diz que está apurando os fatos.

(Página 4)

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Dia

Class.: 20 (cont.)

Data: 16.01.86

Pg.: 4

### Continua tensa a situação na reserva dos Saluman

Cuiabá  
Do serviço local

A Fundação Nacional do Índio informa que todas as providências estão sendo tomadas para elucidar as mortes ocorridas neste final de semana envolvendo índios da tribo Enaue-ne-Nauê, conhecidos popularmente por Saluman, na localidade de Roda D'água, a 150 Km de Juína. Disse o assessor do dirigente da 2ª Superintendência Regional da Funai, em Mato Grosso, Omar Gurgel do Amaral. Conforme ele, as informações até agora captadas são muito precárias e não explicam com exatidão o que ocorreu em Juína.

Sabe, no entanto, que a área onde aconteceu o conflito ainda está em fase de estudos para a delimitação. Não afirmou, contudo, que as mortes tenham acontecido por problemas fundiários.

A Funai desconhece até mesmo o número de pessoas mortas no confronto, mas conforme informações de João Evaristo Capetinga, diretor de Polícia Civil foram sete pessoas assassinadas, inclusive uma criança de apenas quatro meses. Todos seriam membros da família do Sr. Antonio Ferreira, procedente de Chapecó, SC, que teria adquirido os direitos de posse de terceiros.

Omar Gurgel do Amaral frisou que todos os esforços estão sendo feitos para descobrir as causas do massacre, no entanto, há grandes dificuldades em termos de informações. O fato é que a notícia que fala de um confronto no último domingo, segundo a Polícia, verificou-se possivelmente na última quinta ou sexta-feira, dado o elevado estado de putrefação em que se encontravam os corpos. A questão é reconhecidamente lamentável, diz o índio Nilton

Terena, assessor do presidente da Funai, Romero Jucá Filho. Ele disse que esta não é a primeira vez e nem será a última em que os índios apelam para a violência. "Eles vêm aqui trazer seus problemas e encontram uma carga de burocracia. As coisas na Funai são muito amarradas, demoradas e muitos perdem a paciência", disse Terena.

Assinalando que mesmo sem ter conhecimento das causas que provocaram tantas mortes em Juína, Terena acredita que é problema fundiário. Isso por que já existem precedentes. Lembrou que em Maracaju — Mato Grosso do Sul e Barra do Garças, seus familiares estão enfrentando inúmeros problemas pela posse da terra. "Como resolver? E quem realmente está trabalhando para resolver essa questão?" desabafou Nilton Terena. Nativo de Aquidauana, MT, o índio Terena vê com muita tristeza as saídas que vêm sendo apontadas para a questão indígena.

#### ÍNDIO NÃO MATA POR MATAR

"Há desinteresse para equacionar o problema" — reflete. Lembra que a briga pela terra do índio nos últimos dias fez até com que uma agropecuária entrasse com uma ação na Justiça para conseguir a anulação de um decreto presidencial que demarcou uma área em favor dos índios de Juína. "Uma coisa precisa ser entendida: o índio não mata por matar", comenta o assessor do presidente da Funai, adiantando que é toda uma história de exploração e humilhação que entra em questão. Diante disso, crescem os conflitos no campo. De acordo com informações chegadas de Vilhena, os indígenas permanecem no local, o que significa que novos confrontos poderão surgir.

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Jornal do DiaClass.: 20 (cont.)Data: 16.07.86Pg.: 4**De quem é a culpa**

Mais uma violência no campo e novas vidas caem por terra. O conflito que recentemente culminou com massacre de sete pessoas inclusive, crianças, praticado por índios da nação Salumã, coloca novamente em evidência a questão indígena e também a demora por parte do governo em efetivar medidas capazes de conciliar os interesses indígenas e de fazendeiros. A circunstância trágica em que morreram as pessoas em área localizada na divisa de Mato Grosso com Rondônia, atesta a omissão da Fundação Nacional do Índio com relação a uma situação gravíssima e que, por várias vezes resultam em mortes.

Essa não é a primeira vez que a nação Salumã se levanta contra fazendeiros, uma tentativa certamente de alertar as autoridades sobre a decisão de lutar por seus direitos. Em meados do ano passado, dois topógrafos foram assassinados em circunstâncias não menos trágicas. Na época, a Funai anunciou que o trabalho de delimitação da área estava em andamento e que uma vez concluído, a demarcação seria efetuada e o impasse estaria solucionado. Um ano depois, conforme informações divulgadas ontem pela Superintendência da Funai em Cuiabá, o processo de delimitação não foi concluído e o resultado dessa indefinição foi uma nova ação extremista dos Salumã. Porém, eles não podem ser responsabilizados, da mesma forma que não há como justificar um massacre de pessoas. Se há um órgão que deveria assumir a responsabilidade por esse tipo de acontecimento, ele se chama Funai que vem administrando a política indígena de maneira bastante questionável.

A maioria das nações indígenas está insatisfeitas. É notório a insegurança desse povo que ao decorrer dos séculos, vem perdendo suas terras e a própria

cultura. A Funai, oficialmente o tutor do índio. No entanto, ao longo do tempo o órgão tem conseqüido não mais que empurrar de barriga o trabalho de "defender os interesses indígenas". Demarcar uma reserva se mostra hoje, um ritual tão complicado, devido a burocracia, que o ato não se efetiva antes que aconteçam fatos desagradáveis.

Enquanto os novos dirigentes da Funai se preocupam em implantar suas regionais, uma medida que visa descentralizar a administração central, tribos e mais tribos sofrem as consequências de sua integração forçada ao convívio com a civilização. Esse povo não tem assistência médica para combater as doenças adquiridas após os "contatos", não contam com incentivos para o aprimoramento de suas atividades e muitas delas, não possuem o que lhes é mais indispensáveis: a demarcação de suas reservas. Esse foi o motivo pelo qual os Salumã mataram os dois topógrafos no ano passado e mas sacram agora outras tantas pessoas. Pelas poucas informações divulgadas por setores da Funai, o clima na área é tenso e foi necessário até que o órgão enviasse para o local representantes acompanhados de forças policiais.

Pode até ser que a Funai consiga acalmar os ânimos também dessa vez. Infelizmente, outras tragédias podem e certamente vão acontecer até que a Funai decida fazer o que devia ter feito desde que foi criada: Garantir às tribos indígenas o direito ao pouco que lhes restou. A não ser que o propósito do governo ao manter em funcionamento um órgão que decididamente não cumpre sua obrigação com os índios, seja exatamente o contrário daquilo que se propaga. Afinal de contas, quais são, realmente, os direitos do índio?